

VENCEDOR DO PRÉMIO COSTA



«Uma obra-prima
de história e memória.»
Evening Standard

A RAPARIGA ESQUECIDA

A História Extraordinária de uma Jovem Judia
Holandesa e da Família que a Salvou
Durante a Segunda Guerra Mundial

BART VAN ES

v o g a i s

Para
Charles de Jong e Catharina de Jong-Spiro
e
Henk van Es e Jannigje van Es-de Jong

Prólogo: dezembro de 2014

— Sem famílias não há histórias.

A mulher que me diz isto está a fazer café no seu apartamento em Amesterdão. Chama-se Hesseline, mas é tratada pelo diminutivo Lien. Com mais de 80 anos, continua a ser dona de uma beleza simples: tem uma compleição clara, sem maquilhagem visível; usa um pequeno relógio prateado, mas mais nenhuma joia; e as unhas são brilhantes, sem verniz. Os seus modos são enérgicos, mas também um pouco boémios, e veste um comprido casaco de malha cinzento e um fino lenço com cornucópias bordeaux. Antes do dia de hoje, não me recordo de alguma vez a ter visto. No entanto, sei que esta mulher cresceu com o meu pai, que nasceu na Holanda logo a seguir à guerra. Em tempos, ela fez parte da minha família, mas já não faz. Uma carta foi enviada e uma ligação quebrou-se. Mesmo agora, quase 30 anos volvidos, ainda é doloroso para Lien falar acerca destas coisas.

Da cozinha branca, aberta para a sala, passamos para a zona de estar, inundada de luz do sol de inverno parcialmente filtrada pelos vitrais que estão encaixados nas janelas. Há livros, catálogos de museus e suplementos culturais espalhados em cima de uma mesa de apoio de vidro. Os móveis são modernos e os quadros nas paredes também.

Falamos em holandês.

— Escreveu no seu e-mail que está interessado na história da família e, talvez, em escrever um livro», diz ela. «Bem, essa coisa da família não tem que ver comigo. Os Van Es foram importantes na minha vida durante muito tempo, mas já não são. Afinal, que tipo de escrita é que faz?

O seu tom é simpático, mas também sério. Falo-lhe um pouco a respeito do meu trabalho como professor de literatura inglesa na Universidade de Oxford — escrevo livros e artigos sobre Shakespeare e poesia renascentista —, mas ela já sabe a maioria destas coisas pela Internet.

— Diga-me, qual é a sua motivação? — pergunta-me.

A minha motivação? Não sei muito bem. Penso que a sua história pode ser complexa e interessante. É importante registar essas coisas, sobretudo agora, com o mundo neste estado e o extremismo de novo em ascensão. Há aqui uma história por contar que eu não quero perder.

Nesta luminosa manhã de dezembro conversamos sobre assuntos mundiais, sobre Israel, sobre política holandesa e sobre a situação na Grã-Bretanha, onde o governo de coligação de David Cameron está a chegar ao fim do seu mandato de cinco anos. Passamos depressa de uns temas para os outros, quase como se estivéssemos numa entrevista para um emprego.

Passada cerca de uma hora, ela empurra a chávena vazia e fala com determinação:

— Sim, tenho fé nisto. Sentamo-nos à mesa? Tem um bloco de apontamentos e uma caneta?

Eu não queria chegar a parecer um jornalista, por isso tenho de lhe pedir papel e alguma coisa para escrever, mas pouco depois estamos sentados à mesa de refeições de madeira laminada clara. Posso perguntar-lhe tudo o que quiser a respeito do que ela se recorda: o que as pessoas faziam e diziam, o que vestia e o que comia, as casas onde viveu e quais eram os seus sonhos.

Sentamo-nos na quente modernidade do apartamento e o nosso primeiro encontro dura várias horas. Os documentos — fotografias,

A RAPARIGA ESQUECIDA

cartas e diversos objetos — vão surgindo gradualmente, quando ela se lembra deles, mas a meio da tarde, com a luz no exterior já a desaparecer, a mesa está cheia de lembranças. Entre elas há um romance infantil de capa amarelo-vivo com um barco a vapor e um azulejo com uma caricatura de um homem a afogar-se. Também há um álbum de fotografias de napa vermelha com a lombada gasta. Na primeira página do álbum está uma fotografia de um bonito casal com a inscrição «mamã» e «papá» escrita por baixo a tinta azul.

A mulher à esquerda da fotografia é a mãe de Lien e chama-se Catharina de Jong-Spiero. Está sentada na ponta de uma cadeira de rotim, cujas costas curvadas a envolvem. O sol incide-lhe diretamente no rosto e ela esboça um sorriso tímido. O marido, Charles, o pai de Lien, está sentado no chão à sua frente em mangas de camisa, com as grandes mãos confortavelmente apoiadas nos joelhos. Está encostado à mulher, que tem uma das mãos pousada no seu ombro, e olha para cima com uma expressão confiante e irónica. Está descontraído, a rir-se da ideia de posar para uma fotografia, enquanto para a mulher, com o seu sorriso fixo, é mais difícil relaxar.





O homem apresenta o mesmo ar descontraído em mais algumas fotografias da primeira página do álbum. Uma delas mostra-o no banco de trás de um automóvel, rodeado por um grupo de elegantes homens jovens. À socapa, tem os dedos levantados, como orelhas de um coelho, atrás da cabeça do amigo que posa à sua frente com um par de luvas e uma bengala na mão. Noutra está de pé com o chapéu na mão, diante de uma grande porta preta, com a perna e o brilhante sapato em evidência. Há cerca de uma dúzia de fotografias desta época. A mais estragada — rasgada, dobrada e colada com cola amarelecida — é de uma festa na praia. Mostra um grupo de cerca de 20 jovens em fato de banho, sorridentes e abraçados. No centro, uma mulher de branco segura o que parece ser uma bola de voleibol. «Mamá, papá, tia Ro, tia Riek e tio Manie», lê-se no texto manuscrito em baixo.

Embora não tenha experiência em entrevistas, a nossa conversa depressa entra num bom ritmo. Faço-lhe inúmeras perguntas, aprofundando um ou outro pormenor, e tomo notas.

«Como era o quarto?»

«De onde vinha a luz?»

A RAPARIGA ESQUECIDA

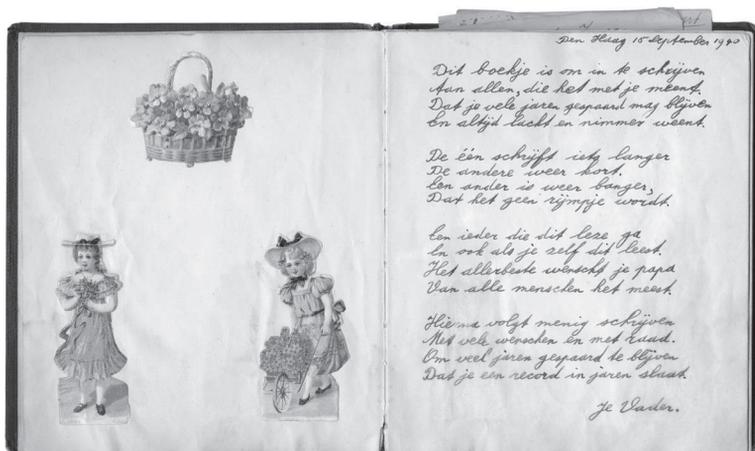


«Que sons conseguia ouvir?»

Só quando todos os pormenores de um episódio são explorados e ela não me consegue dizer mais nada é que avançamos.

Já está escuro quando Lien menciona o seu álbum de *poesie*: uma espécie de álbum de dedicatórias e poemas que quase todas as raparigas possuíam na Holanda. Num primeiro momento não consegue encontrá-lo, mas depois de procurar noutra divisão sugere-me que suba a uma cadeira e procure em cima da estante, onde o descubro, protegido do pó num pequeno saco de plástico transparente. É um álbum de tecido cinzento com cerca de oito centímetros por dez centímetros, com um desbotado padrão floral na capa. No interior, na primeira das páginas espelhadas, há um conjunto de versos que estão assinados «teu pai» e datados «Haia, 15 de setembro de 1940». É assim que começa:

*Neste livrinho hão de os amigos escrever
Para um futuro brilhante te desejar
Que por muitos anos segura te possas manter
E que possas sempre sorrir e nunca chorar.*



Detenho-me durante alguns momentos a ler a inclinada caligrafia. Na página da esquerda há três velhos recortes de papel com cores pastel: em cima um cesto de vime com flores e em baixo duas raparigas com chapéus de palha. A da direita sorri e parece feliz, como a mãe de Lien na fotografia, mas a do recorte da esquerda franze os lábios enquanto aperta o ramo de flores nas mãos. Olha de lado, como se não conseguisse fitar quem a observa nos olhos.

1

Na verdade, é Hitler quem torna Lien judia. Os seus pais são membros de um clube desportivo judeu (há uma fotografia de uma equipa que mostra o seu pai com meias grossas e uma camisa de colarinho aberto), mas, para além disso, não são praticantes. Comem *matzah** na Páscoa e, por influência familiar, casaram-se numa sinagoga. Porém, aos 7 anos Lien pensa mais no equivalente holandês do Pai Natal, São Nicolau, e ainda se recorda da fúria que sentiu quando lhe disseram que ele não existe. Sente que foi enganada pelos adultos e, furiosa e envergonhada, esconde-se no armário por baixo das escadas que dão acesso ao apartamento de cima.



* Pão ázimo.

Aquele armário no número 31 da Pletterijstraat, em Haia, fica na ponta do corredor oposta ao seu quarto, que está de frente quando se entra no apartamento. No quarto há uma fila de quatro pequenas janelas junto ao teto, demasiado altas para se ver a rua e que deixam entrar pouca luz. Essas janelas dão para o quarto das traseiras, onde os pais dormem. O outro quarto, que tem vista para a rua e está ligado à cozinha, é subarrendado pela senhora Andriessse, uma mulher idosa muito distinta que, como toda a gente, escreve no álbum de *poesie* de Lien. «Querida pequena Lien, se te mantiveres obediente e boa, / todos te amarão a vida toda», é a sua instrução para a criança. Lien presta mais atenção às figuras de flores que são coladas pela senhora Andriessen do que a este sábio conselho.

No dia 20 de abril de 1941, quando a senhora Andriessen escreve estas palavras, não é fácil os judeus serem obedientes na Holanda ocupada. Os judeus têm de andar sempre com documentos de identidade nos quais está carimbado um «J»; estão proibidos de exercer cargos na função pública, de frequentar cinemas, cafés e universidades; a posse de um rádio por um judeu é crime. Porém, para Lien as coisas ainda estão bastante normais. Frequenta uma escola mista e os nomes das crianças escritos com todo o cuidado no seu álbum a caneta de tinta permanente são, na maioria dos casos, não judeus:

«Vamos ficar amigas para sempre, querida Lientje, o que me dizes?», escreve Ria.

«Que tenhas sempre uma vida alegre e feliz», da «tua amiga, Mary van Stelsen.»

«Ainda te recordarás de mim, mesmo sem a página deste álbum?», pergunta Harrie Klerks.

Esta última entrada provoca alguma irritação a Lien porque, apesar de prometer que terá cuidado, Harrie borra e estraga uma página do álbum, que tem de ser removida com um corta-papel. Ainda assim, Lien é generosa e dá-lhe uma segunda oportunidade.

As verdadeiras preocupações de Lien, se pudesse expressá-las, não se prendem com a guerra, mas com o casamento dos pais. Quando

A RAPARIGA ESQUECIDA

ela era muito pequena, com apenas 2 anos e meio, foi obrigada a deixar o apartamento por cima de uma loja que arrendavam na época para ir viver com a tia Fie e o tio Jo, e os seus dois filhos, noutra zona da cidade. Os pais divorciaram-se. A mamã vinha visitá-la, mas não viu o papá durante muito tempo. Passados dois anos, a mamã e o papá voltaram a casar-se e foram viver para o apartamento da Pletterijstraat, virando uma nova página. O papá deixou de viajar tanto como viajava quando trabalhava como vendedor para o avô e faz um esforço para ficar em casa à noite, a fazer puzzles infantis em madeira à mesa da cozinha, sob a luz forte. Para Lien, faz uma pequena pintura de Jan Klaassen e Katrijn, duas marionetas tradicionais, que é o seu bem mais precioso. Com chapéus de chuva nas mãos e expressões sorridentes, Jan Klaassen e Katrijn estão sentados ao sol em cima de uma nuvem cinzenta que liberta chuva por baixo deles. Talvez Jan Klaassen e Katrijn sejam um pouco como a mamã e o papá, que estão felizes agora que saíram da chuva?

Lien sofre de terríveis dores de estômago e não gosta de comer nada, a não ser sobremesas. Toma medicamentos receitados pelo médico e uma vez, quando ficou extremamente magra, teve de passar seis semanas numa enfermaria, onde as pessoas são obrigadas a beber muito leite e a comer papas de aveia. Seria horrível voltar para lá, por isso tenta comer o máximo que consegue da couve de folhas frisadas e do puré de batata que a mamã lhe faz, mas demora sempre muito tempo.

Para o novo trabalho, o papá tem uma pequena fábrica como a do avô, que na verdade não passa de um barracão com acesso pelo quintal das traseiras do apartamento. Ele faz doces e *pickles* usando vasilhas de frutas e legumes e frascos de vidro de diversos tamanhos. Lien fica a vê-lo trabalhar, mas não é autorizada a ajudar porque é um trabalho muito limpo que os dedos das crianças podem conspurcar. Por isso, está quase sempre na rua, a cantar canções de embalar e a jogar jogos como o Jogo do Lencinho, com crianças amontoadas num círculo enquanto outra anda à volta até escolher alguém a quem

dar o lenço, que tem depois de correr atrás dela para lho devolver. Lien adora este tipo de brincadeiras; quando há sol está quase sempre na rua, e até aguenta um pouco de chuva se houver diversão.

Também tem aulas de ballet, que é muito feminino, e por vezes fazem espetáculos. No quarto da mamã e do papá há uma fotografia sua num palco, à frente do cenário. Foi tirada após um espetáculo: Lien usa um fato composto por saia preta e blusa branca e tem um fantoche de mão no braço direito. O fantoche é bastante tosco e irregular e parece uma coruja, mas é suposto ser o Rato Mickey.

Além do fato de ballet, Lien adora os seus dois melhores vestidos. Um é de seda azul-acinzentada, que comprou com a mamã numa ida às compras ao Bonneterie, o grande armazém com portas de vidro e um teto alto que as engoliu quando entraram. Os soalhos são tão brilhantes que as pessoas conseguem ver os seus rostos refletidos neles, e quando se olha da varanda interior para a entrada as pessoas lá em baixo parecem formigas. O outro favorito é um pequeno vestido em forma de sino (conhecido como vestido de relógio) de cetim, com um saiote por baixo que a mãe costurou à mão.

O mundo de Lien é um mundo de escola, de brincadeiras de rua e de avós e avôs, tias, tios e primos. Estão rodeados de família:



A RAPARIGA ESQUECIDA

a pouca distância a pé na Pletterijstraat ou fazendo pequenas viagens de elétrico. No verão, apanham o elétrico para Scheveningen, onde brincam na praia. *Pretty*, a cadela da família, adora ir à praia e corre a toda a velocidade pela areia molhada, mal tocando na água e deixando uma longa linha de marcas de patas com quatro dedos para o mar apagar. Quando Lien lhe atira uma bola de ténis, *Pretty* vai buscá-la e volta momentos depois com ela, encharcada, pegajosa e cheia de areia.

Os seus primos preferidos são Rini e Daafje. São quase como um irmão e uma irmã, pois Lien viveu com eles durante muito tempo quando a mamã e o papá não conseguiam ser amigos. Num dos muitos dias que passaram juntas, Rini escreve um curto verso moral no álbum de *poesie* sobre «aceitar as pessoas como elas são». O poema não é especialmente adequado porque Lien é muito pouco crítica em relação às coisas e às pessoas, mas por vezes é mais fácil escrever sobre lugares-comuns e o mais importante é que a caligrafia e as imagens coladas sejam bonitas, por isso Lien também escreve uma coisa moral e instrutiva no álbum da prima.

E depois há a tia Riek com a prima Bennie e os dois pequeninos, Nico e o bebé Robbie, de quem Lien por vezes ajuda a cuidar.



Há uma fotografia da tia Riek e da mamã espremidas numa cadeira de madeira, com Bennie (com o dedo polegar na boca) e Lien (com um laço branco no cabelo) periclitantemente empoleirados nos seus colos. A mamã está sentada num braço da cadeira, a segurar Lien com a mão esquerda e Riek com a direita. A cadeira parece extremamente instável, com o grupo em risco de desabar a qualquer momento, e, embora a mamã mantenha o sorriso sério que esboça sempre para a máquina fotográfica, percebe-se que a cunhada está a começar a rir.

Um dos seus lugares preferidos é a loja de ferragens do tio Manie, perto do centro da cidade, que está cheia até ao teto de prateleiras com parafusos, aldrabas, martelos e campainhas de bicicletas. Um dia, Lien é presenteada na loja com um lindo par de patins, com as botas em pele branca e longas e afiadas lâminas prateadas. No inverno, poderá experimentá-los. Já se imagina a deslizar sem esforço, passando por outras crianças, a patinar à frente delas ao sol e a fazer uma pirueta no gelo.



A RAPARIGA ESQUECIDA



Lien com Bennie

Em maio de 1940, quando a Holanda é invadida, a guerra vem de um céu azul na memória de Lien. Parada com os pais, observa aviões no ar e eles dizem-lhe, «É a guerra». Para além disto, não acontece grande coisa. Há soldados alemães, que se sentam nas esplanadas dos cafés e por vezes patrulham as ruas. São simpáticos. As coisas só começam a mudar de uma forma muito gradual.

A partir do outono de 1941, os nomes no álbum de *poesie* de Lien tornam-se diferentes. Ou, antes, tornam-se mais iguais. Roosje Sanders, Judith Hirsch, Ali Rosenthal, Jema Abrahams: as pessoas que assinam os seus nomes entre setembro de 1941 e março de 1942 são inquestionavelmente judias, e isto acontece porque agora Lien tem de frequentar uma escola judaica. Os poemas que escrevem continuam a abordar os temas da amizade, anjos e flores, mas os recortes em cores pastel de ramos de flores e raparigas de crinolinas que eram colados nas primeiras páginas são agora raros. No dia 15 de setembro de 1941, surgem novas placas à porta de bibliotecas, mercados, parques, museus e piscinas: «Entrada Proibida a Judeus».

2

Corre o mês de janeiro de 2015. Depois de passar um dia com Lien em dezembro, estou de regresso à Holanda durante duas semanas para continuar as nossas entrevistas. Também decidimos que seria boa ideia eu visitar os lugares onde ela viveu. As minhas visitas servirão para lhe avivar a memória com fotografias e também para eu próprio ter uma noção dos locais. Assim, vou a caminho de Haia.

Em termos históricos, Haia foi sempre considerada uma povoação e não uma cidade. A pergunta «Qual é a capital da Holanda?» é de resposta difícil porque os holandeses falam numa «cidade principal» e não numa «capital», e a cidade principal da Holanda é, incontestavelmente, Amesterdão. Haia é apenas a sede do governo. Embora fosse escolhida para ser o local de reunião dos Estados-Gerais da nova república no final do século XVI, não lhe foi concedida a dignidade de uma universidade, e nem sequer de uma muralha. Os representantes protestantes das sete províncias que se separaram do império espanhol reuniam-se ali precisamente porque era neutra e não representava uma ameaça. As reuniões decorriam numa fortaleza com um fosso em volta, que continua a ser a sede do parlamento holandês nos nossos dias. Em Haia não existe um grande porto nem tradição de comércio, mas, ainda assim, o seu estatuto de berço dos Países Baixos é acertado. A cidade ergue-se sobre dunas de areia e os

restos de uma pantanosa linha de costa que começou a ser drenada por agricultores que praticavam uma agricultura de subsistência no século IX. Como a maior parte da Holanda, foi construída à custa de mão de obra humana a partir do Mar do Norte.

A caminho de Haia, conduzo por autoestradas que se estendem pelo antigo leito do mar, uma carpete monocromática de quadrados idênticos. Em comparação com a Inglaterra, onde vivo desde a adolescência, o campo holandês parece homogeneamente moderno na sua uniformidade plana e perfeitamente organizada. A cada poucos minutos passo por uma bonita casa de campo de escuros tijolos castanho-avermelhados com um telhado muito inclinado. Nos pátios destas casas de campo veem-se tratores impecáveis e silos de cereais e nenhuma das pilhas de madeira que são comuns do outro lado do Mar do Norte. Até o gado parece homogêneo: vacas retangulares, todas elas carimbadas com variações do mesmo preto e branco. Valas prateadas, em linhas retas, cortam a terra em partes iguais que se estendem até ao nevoeiro matinal.

Ao chegar aos arredores da cidade, as quintas são substituídas por uma sucessão de elegantes estruturas em aço e vidro: stands de venda de automóveis, centros de distribuição, barreiras sonoras e estufas no interior das quais há um ambiente controlado de dióxido de carbono e luz. Esses edifícios, à semelhança das quintas, parecem quase artificiais. Quando vista pela janela de um carro, a Holanda parece desprovida de qualquer tipo de história.

Depois de sair da autoestrada, depressa chego a um bairro de velhas casas geminadas de tijolo vermelho. Estaciono na Pletterijstraat, a rua onde Lien viveu. No início do século passado, quando aquelas casas foram construídas, a cidade estava em crescimento. Cartazes com ilustrações *art nouveau* promoviam as suas virtudes como um paraíso residencial para os agricultores das apinhadas zonas rurais e para imigrantes das colónias e do Próximo Oriente. De repente, Haia já não era apenas uma cidade, mas uma cidade para o mundo. Em 1900, tornou-se a sede do que em breve passaria a ser chamado

A RAPARIGA ESQUECIDA

Tribunal Internacional de Justiça, instalado com esplendor no recentemente construído Palácio da Paz. Como acontecera na sua origem, Haia era, uma vez mais, um local de reunião neutro para grandes potências. A Pletterijstraat, concluída em 1912, ocupava o seu lugar nesta cidade de esperança.

Hoje, a rua continua a ser sobretudo residencial, com uma loja de bairro e duas oficinas independentes que vendem carros em segunda mão. O apartamento do rés do chão do número 31 é agora um pequeno ginásio de fisioterapia com o logotipo «Fysio Fitness» estampado a amarelo no vidro fosco. Toco à campainha e espero até um rapaz alto de fato de treino me abrir a porta. É um dos instrutores do ginásio. Atrás dele na entrada estão dois homens idosos em roupa de treino: calções justos, desbotadas camisolas de algodão, sapatilhas claras e meias um pouco compridas demais.

Fico sozinho na pequena entrada, com a aula a ter lugar no que era o quarto da senhora Andriessen. Oiço o decorrer da aula, com o instrutor a encorajar os alunos.

À direita está o armário onde Lien se escondeu quando descobriu que São Nicolau não era real. À minha frente vejo o seu antigo quarto, agora um escritório com diplomas de cuidados de saúde pendurados nas paredes. As janelas deixam entrar um pouco da pálida luz de janeiro.

Não demoro muito tempo a ver o apartamento de três divisões. Tudo é decente, banal e com um tamanho razoável. Atrás do escritório é o quarto dos pais de Lien, que contém agora uma mesa de massagens e um esqueleto anatómico com um gorro de pompom vermelho. Ligado a isto está uma pequena cozinha com uma chaleira e alguns panfletos sobre exercício físico na bancada. O diminuto pátio das traseiras foi transformado num armazém para os mais variados objetos: um caixote de lixo metálico, uma pá para limpar neve, uma bicicleta, alguns tijolos de cimento, uma pilha de pratos e umas quantas cadeiras partidas. Olho por cima da vedação e tento perceber onde teria sido a pequena fábrica de Charles de Jong.

Após ter estado menos de dez minutos no apartamento, encaminho-me para a saída depois de acenar educadamente ao instrutor do ginásio e aos velhotes.

De novo na rua, e sem nada óbvio para fazer a seguir, de repente pergunto a mim mesmo onde quero chegar com isto. Apesar de o meu trabalho ser académico, não sou especialista em história da Holanda nem na perseguição nazi. Visitar os locais onde a história de Lien me leva é uma verdadeira pesquisa? Um pouco irritado, e com aquela pergunta a importunar-me, começo a andar pela rua.

Perto do fim do período entre guerras esta área começou a tornar-se cada vez mais judia. Em 1920, quando as casas eram novas, havia apenas sete famílias judias na Pletterijstraat. Em 1940, o seu número ascendia a 39. Quase em frente à casa de Lien funcionava o orfanato judeu, que se mudou para o edifício mandado construir especialmente para esse efeito em 1929, e começou a aceitar refugiados alemães pouco depois. Após os nazis assumirem o poder, 35 mil pessoas foram para a Holanda.

Quem vinha para aquelas casas geminadas nas décadas de 1920 e 1930 não pertencia às antigas famílias judias sefarditas, que tinham fugido de Portugal para a Holanda no final do século xv. Os recém-chegados eram alemães e polacos, mas também estavam a seguir uma rota estabelecida. A partir do século xviii, muitos judeus asquenazes de leste, cuja primeira língua era o ídiche e não o hebraico, começaram a migrar para a Holanda. A primeira sinagoga alemã, ou «*Hoogduitsch*», foi construída em Haia na década de 1720. Ao longo dos anos, dezenas de milhares de pessoas fizeram a viagem pelo continente. Aqui não havia perseguições organizadas e as pessoas podiam pertencer a associações, tornarem-se homens livres da cidade e até transmitir a posição de homem livre aos seus descendentes. Muito embora houvesse zonas da cidade que eram mais judias do que outras, não havia linhas divisórias. De geração em geração, os imigrantes adotaram os gostos e hábitos dos seus compatriotas e

A RAPARIGA ESQUECIDA

tornaram-se verdadeiros holandeses. Assim, quando Napoleão assumiu o controlo direto da Holanda em 1881 e ordenou o registo dos apelidos, muitos judeus aproveitaram aquela oportunidade para adaptar os seus. Joseph Izak, por exemplo, que era cidadão há muito tempo, optou pelo simples e mais holandês «Joseph de Jong».

Os portugueses, que tinham sido os primeiros colonos, mantiveram-se à parte destes imigrantes mais recentes e de origem mais humilde. Eram uma espécie de aristocracia, muito bem integrados no poder político e no comércio. Esses judeus sefarditas, que tinham começado por ser prestamistas após 1179, quando o Concílio de Latráo proibiu a cobrança de juros em empréstimos entre os cristãos, tinham escapado à perseguição no Sul e prosperado no século XVII nos grandes portos da costa norte da Europa. Muito embora constituíssem menos de 0,01 por cento da população, os judeus sefarditas holandeses possuíam um quarto das plantações de cana-de-açúcar no Suriname e eram fundamentais para as estruturas financeiras da nova república. Foi o banqueiro judeu português Isaac Lopez Suasso, por exemplo, que adiantou os dois milhões de florins necessários, e tratou da contratação de seis mil mercenários suecos, quando Guilherme III de Orange se propôs a reclamar a coroa britânica em 1688.

Dir-se-ia até que a comunidade sefardita em Haia era ainda mais aceite do que a que vivia em Amesterdão. Foi em Haia, em 1677, que o filósofo judeu cético Bento de Espinosa foi enterrado em grande esplendor na nova igreja protestante. Foi um surpreendente gesto de aceitação, apesar de as autoridades eclesiásticas terem demolido a sepultura passado pouco tempo por falta de pagamento de taxas.

O estatuto de povoação, combinado com a função de residência real, tornou Haia um lugar privilegiado para o patrocínio de causas especiais. Assim, quando em 1690 houve alguma dificuldade a nível local em relação à interpretação de alguns trechos do Talmude, não foi difícil encontrar uma solução. O problema envolvia o transporte de objetos em público durante o sabat, o que era claramente proibido.

Mas a dúvida era o que se podia considerar como «em público»? Em Amesterdão fora decidido que toda a cidade, enquanto unidade murada, podia ser razoavelmente definida como «uma casa». Lamentavelmente, Haia não tinha muralhas. Porém, eruditos rabinos deliberaram que, se duas pontes de pedra sobre os seus canais fossem substituídas por pontes levadiças, também Haia passaria a ser, logicamente, uma casa. Em consequência disso, uma delegação judia abordou o magistrado que governava na época. As pontes poderiam ser modificadas a expensas suas? Passados dois anos, no verdadeiro espírito da adaptação política, as pontes foram demolidas e substituídas.

Os imigrantes alemães e polacos que viviam na Pletterijstraat nas décadas de 1920 e 1930 não estavam em posição de incorrer em tais despesas, mesmo partindo do princípio de que estavam empenhados nesse nível de habilidade na interpretação das leis de Deus. Todavia, embora não fosse rica, a zona do rio era muito agradável. Então, como agora, era um local de diversidade, onde diferentes raças e religiões viviam em harmonia. É verdade que existia algum ressentimento entre não judeus a nível da imigração e, em resposta, o governo tinha estabelecido uma quota máxima. Dependendo do círculo em que as pessoas se movimentavam, os judeus podiam ser temidos como socialistas, capitalistas, sionistas, pobres e pouco qualificados ou ricos e demasiado qualificados, ficando com os melhores empregos. Na década de 1930, podia ser difícil para os judeus conseguirem uma reserva num restaurante. No entanto, mesmo em 1937, o partido fascista holandês, o NSB, obteve apenas 4 por cento dos votos.

Deixando o orfanato para trás, saio da Pletterijstraat para uma rua lateral na esperança de encontrar um café. Passo por uma escola primária com bonitos números em estilo *Jugendstil** por cima das

* Movimento cultural alemão fundado em 1880, com expressão sobretudo no campo das artes plásticas. Desenvolveu-se em simultâneo com os estilos *art nouveau*, que teve grande representação em França e *modern style*, nascido em Inglaterra.

A RAPARIGA ESQUECIDA

portas a anunciar o ano de construção: 1923. Desde essa época foi acrescentado um mural com uma girafa a espreitar por uma janela pintada com uma sorridente menina às costas. Ao nível do chão, há outras figuras de crianças na parede de tijolo e uma placa em acrílico que me diz tratar-se de uma escola cristã-protestante. Mais adiante na rua vejo o que parece ser uma zona comercial, por isso dirijo-me para lá em busca de um café.

Quando chego, o local é um pouco diferente do que eu esperava. Está tão bem arranjado e limpo como parecia ao longe, com montras de lojas agradavelmente iluminadas, mas as filas de montras mostram apenas mulheres em roupa interior empoleiradas em bancos altos com cubículos vermelhos-escuros e pouco iluminados atrás. Algumas das montras têm as cortinas fechadas; outras exibem mensagens como «massagem sensual», «duas mulheres», ou «sexo fetichista». Do outro lado da rua há um urinol exterior metálico onde dois homens urinam enquanto observam a cena.

Enquanto passo, a sentir-me indiscreto, é difícil não estabelecer contacto visual com as mulheres. O meu olhar passa rapidamente de montra em montra, e estou consciente de que a minha presença é uma perda de tempo e representativa da multidão geral de homens. Atrás do vidro, sob a luz quente e com espessas camadas de maquiagem, as mulheres parecem quase sem idade, como assistentes de vendas entediadas, mas desesperadas, paradas diante de uma loja. Uma jovem loura olha para mim, sorridente, e quando eu passo concentra-se de novo no telemóvel.

Demoro três ou quatro minutos a passar pelo bairro e estou de novo na rua principal que leva à estação. Daqui posso ir para a Pletterijstraat e voltar para o meu carro.

Fico uma vez mais surpreendido com a estranheza deste familiar país que deixei aos 3 anos, já lá vão 40, regressando apenas para passar férias todos os verões. Agora, devo ser mais inglês do que outra coisa qualquer, e é por isso que o bonito bairro de prostituição é tão

estranho para mim. Os holandeses são pragmáticos em relação a estas questões: é lógico haver sexo, ou drogas, ou eutanásia às claras, de uma forma honesta e regulada, e se tiver de estar a menos de cem metros de uma escola primária, paciência.

Sinto que esta última hora foi uma imersão nos Países Baixos: autoestradas perfeitas, uma escola primária protestante, um bairro de luz vermelha e a antiga casa de uma família judia convertida num ginásio de fisioterapia. É um país de tolerância: deixar as pessoas fazer o que querem, não nos imiscuirmos nos assuntos dos outros se eles não interferirem com os nossos. Isto torna a Holanda um país progressista. Mas poderá também explicar porque é que os alemães foram tantas vezes autorizados a agir como agiram? A Holanda da década de 1930 ainda era a chamada sociedade de «pilares»: correntes separadas, como os protestantes, os católicos e os liberais, que se cruzavam e trocavam educados cumprimentos, mas que raramente iam mais longe do que isso. As pessoas cumpriam a lei e mantinham tudo organizado. Tudo o resto não lhes dizia respeito e não havia necessidade de interferir.

Dos 18 mil judeus que viviam em Haia em 1940, sobreviveram dois mil. Dos 400 antigos judeus portugueses, tão profundamente enraizados nas malhas do Estado e na cidade, apenas oito regressaram. Todo o orfanato judeu que está à minha frente, do outro lado da rua, foi liquidado no dia 13 de março de 1943 — ninguém sobreviveu.

3

«Judeu.» Em maio de 1942, Lien vê a mãe sentada à mesa de refeições na cozinha com uma grande tira de tecido amarelo. Tem um padrão de estrelas com contornos pretos, cada uma com uma palavra gravada no centro: «Judeu.» À volta de cada estrela há uma pequena linha tracejada para facilitar o recorte. Agora, é obrigatório usar aquelas estrelas em todas as peças de vestuário exterior, por isso a mãe cose com todo o cuidado uma estrela com a palavra «Judeu» no vestido.

As crianças da rua que ela conhece continuam a ser como sempre foram, mas as que encontra a caminho da escola não são tão simpáticas. Por vezes, atiram pedras. Então, um dia um grupo de crianças aproxima-se a correr e agarra-a, empurrando-a para uma viela e gritando, «Apanhámos uma judia». Quando Lien não volta para casa, o pai vai procurá-la. O bando recua ao vê-lo, mas, quando ele lhe dá a mão, um rapaz mais atrevido aproxima-se. «Judeu nojento», balbucia, meio embaraçado, atento e preparado para fugir. O papá ignora-o, mas não com a habitual calma; os dedos da sua mão tremem quando se afasta com Lien pela viela e voltam para o apartamento.

Ao chegarem ao número 31, veem a senhora Andriessen parada no vão das escadas do prédio, meio na rua, a tentar avistá-los. Há uma expressão preocupada e inquietadora no seu rosto, que é substituída por um tenso meio sorriso de alívio quando avista Lien. Isto parece-lhe

estranho porque a senhora Andriessen está quase sempre no seu quarto que cheira a sabonete. A velha senhora vira-se e diz alguma coisa para a porta aberta do apartamento, com as faces brilhantes e vermelhas. Parece estar a dizer à mamã que está tudo bem. De repente, Lien pensa que a senhora Andriessen também deve ser judia porque pode viver com eles na Pletterijstraat, mas não tem a certeza.

Por outro lado, a tia Ellie não é judia, porque não é uma tia de verdade, apenas uma velha amiga da mamã que está sempre lá em casa, embora não tenha de usar uma estrela.

Quando chegam as férias de verão, Lien fica muitas vezes no pátio, na cozinha, ou nas escadas à frente da casa. Conhece Lilly, que vive no primeiro andar do número 29. A Lilly desenha quatro linhas com espaçamentos iguais a lápis no álbum e copia um poema exatamente no meio da página.

*Rosas grandes e rosas pequenas
Com pétalas suaves como penas
Mas é no coração de Lientje que nasceu
A rosa que mais amor ofereceu.*

A Lilly desenha mais algumas linhas na diagonal do canto esquerdo da página: «Estava na cama a brincar / e a minha mãe ficou zangada e começou a ralar». Sempre que liam aquilo em voz alta, desatavam a rir.

Depois, numa noite do início de agosto, ainda durante as férias, a mamã entra no quarto dela, como sempre, para lhe aconchegar a roupa e lhe dar um beijo de boa-noite. Senta-se na cadeira ao seu lado, pousa uma mão em cima dos cobertores e, com a outra, acaricia-lhe o cabelo. «Tenho de te contar um segredo», diz-lhe. «Vais ficar noutra lado durante algum tempo.»

Faz-se silêncio. O que acontece depois disto torna-se difuso, mas esta frase, proferida na voz da mãe, mantém-se bem nítida. Lien

A RAPARIGA ESQUECIDA

recorda-se de que a mãe foi muito encantadora, e carinhosa, e que se sentiu amada.

O entusiasmo do segredo é muito intenso e na manhã seguinte, quando se senta no cimo dos degraus exteriores com Lilly e algumas outras crianças ao lado, Lien quer muito contar-lhes. É muito especial ter um segredo, mas não é divertido mantê-lo durante tanto tempo. Quando a mamã vem para casa, Lien desce os degraus a correr para ir ao seu encontro. «Não posso contar?», sussurra. «Acho que é um segredo muito bom.» Mas a mamã não deixa; é muito importante que mais ninguém saiba.

Nessa noite há uma reunião de tias e tios, que se juntam na apertada cozinha, e depois, à medida que fica cada vez mais cheia, Lien encontra um lugar para espreitar à porta do quarto dos pais. Não é uma festa de anos porque não há crianças (exceto ela e o bebé Robbie), mas ainda assim Lien é o centro das atenções: tem o gosto pegajoso de chocolate na boca, que é quase desconhecido, e pedem-lhe para se sentar no colo de todos. Por algum motivo, ela decide portar-se mal e ri-se com o guincho estridente de que a mamã não gosta enquanto aponta para uma mancha no nariz da tia Ellie. Porém, por muito que guinche e aponte para as pessoas, ninguém lhe ralha. Os seus guinchos sobrepõem-se ao murmúrio das outras vozes; os adultos falam baixo uns com os outros e só têm olhos para ela. Tudo acontece muito depressa. Não há tempo para falar, nem sequer para pensar sobre as questões que surgem na sua mente para logo se desvanecerem, indefinidas. Tudo parece apressado, mas o serão continua durante horas numa sucessão de abraços e sussurros; Lien está apenas meio consciente de ser levada nos braços do pai para o quarto, quase a dormir.

De manhã, pouco depois de comer o pão com queijo, uma senhora ainda mais distinta do que a senhora Andriessen, e não tão velha, bate à porta. Tem modos firmes e simpáticos, como a enfermeira do consultório do médico, e diz coisas agradáveis sobre Lien e faz-lhe perguntas sobre o trabalho escolar e sobre os livros que ela mais

gosta. Lien está envergonhada por não ler muito, embora se lembre de dizer que gosta de Jan Klaassen e Katrijn. A senhora é bastante jovem, mas não parece uma mãe. É uma verdadeira aventura ir com ela, o tipo de aventura que faz sentir uma pequena sensação de enjoo na boca. Aparentemente, está entusiasmada, mas no seu íntimo sente-se calma. Estão a descoser a estrela dos seus vestidos — os dedos das duas mulheres mexem-se muito depressa.

Lien pode manter o nome e o apelido, de Jong, mas não pode dizer nada a respeito da mamã, do papá ou da família. Agora não vai ser judia, apenas uma menina normal de Roterdão cujos pais morreram no bombardeamento. Se alguém perguntar, ela deve dizer que a mulher é a senhora Heroma, e que vai levá-la para casa da tia que vive em Dordrecht, que é uma cidade diferente. É importante ficar muito perto da senhora, muito apertada contra ela, para as pessoas que a conhecem não perceberem que ela não tem a sua estrela. A mamã diz exatamente as mesmas coisas que a senhora e manda-a repeti-las, embora Lien pense que já as sabe. Em seguida, um beijo e um abraço que dói um pouco e está na Pletterijstraat, a caminhar depressa ao lado da senhora, a esforçar-se muito para se manter encostada ao seu casaco. O saco com as suas coisas, incluindo o álbum de *poesie* e o puzzle do papá, está no ombro da senhora Heroma e bate contra ela a cada passo.

Não é muito longe da casa de Lien até à estação, por isso a caminhada pelas ruas, e depois através do parque (onde os judeus estão proibidos de entrar), para a estação ferroviária de Hollands Spoor chega ao fim pouco depois de começar. A fachada da estação parece um palácio, mas não há tempo para olhar para ela porque o comboio está prestes a partir. Lien pensa no seu quarto durante breves instantes, que está bastante perto para poder correr para lá.

A senhora Heroma fala-lhe sobre nomes engraçados de sítios. Diz que há muitos na Holanda. Por exemplo, a rua da Salsicha Dupla em Amesterdão, O Bigode em Groningen, ou a rua do Pato Doente em Zeeland. Também há uma rua chamada Atrás do Porco Selvagem. Lien acha que os nomes têm muita piada. Gosta da senhora Heroma

A RAPARIGA ESQUECIDA

e ri-se enquanto observam as casas de Haia a passar cada vez mais depressa pela janela da carruagem do comboio, o *pouca terra, pouca terra* das rodas nos carris a tornar-se cada vez mais alto e mais próximo. O fumo da locomotiva é sujo, mas cheira a limpo. «Lien conhece alguns nomes engraçados de lugares?» Depois de muito pensar, ela lembra-se da rua do Ladrão da Vaca, que a senhora Heroma não conhecia. «Rua do Ladrão da Vaca é boa!», diz ela.

Lien prepara-se para dizer «Não é longe da nossa casa», quando se lembra que já não a pode mencionar.

Ao contrário de Haia, Dordrecht só tem uma estação ferroviária. Também parece um palácio, apenas um pouco mais pequeno e sem as torres das princesas que tem a estação de onde partiram. Atravessam outro parque — maior do que o que têm perto de casa e sonolento à luz da tarde — e em seguida percorrem ruas com pequenas casas, nada parecidas com os prédios de três andares de Haia. Lien já sente as pernas cansadas e cada vez demora mais tempo a chegar à esquina seguinte, mas em cada uma a senhora Heroma diz-lhe o nome da rua seguido de um nome engraçado de outro lugar na Holanda, por isso Lien continua. Chegam à Mauritsweg (onde a senhora Heroma diz «rua das Calças»). Mais adiante está a Krispijnseweg («rua Montanha de Manteiga», a seguir a Bilderdijkstraat («rua do Tubo de Coelho»), e por fim chegam. Todas as casas pelas quais Lien passou parecem pequenas em comparação com as de Haia, mas estas, na Bilderdijkstraat, são as mais pequenas de todas. A verdade é que a rua não parece ter casas; tem apenas duas paredes compridas e baixas de tijolo vermelho com portas e janelas, que se estendem até onde Lien pode ver.

Na rua, um grupo de rapazes corre e grita. Ignorando a confusão, a senhora Heroma dirige-se diretamente para a porta número 10 e bate com força no pequeno postigo redondo. No bolso do casaco, sem que Lien saiba, há uma carta. Está escrita com a mesma caligrafia firme que a mãe usou na segunda página do seu álbum. A carta, que ainda sobrevive no apartamento de Lien em Amesterdão, está datada de agosto de 1942. O seu texto é o seguinte:

Muito honrados Senhor e Senhora,

Apesar de não vos conhecer, imagino-vos como um homem e uma mulher que, como pai e mãe, cuidarão da minha única filha. Ela foi-me tirada pelas circunstâncias. Que vós possais, com a melhor vontade e sabedoria, cuidar dela.

Podereis imaginar a nossa despedida. Quando voltaremos a vê-la? No dia 7 de setembro ela fará 9 anos. Espero que seja um dia feliz para ela.

Quero dizer-vos que é meu desejo que pense apenas em vós como a sua mãe e o seu pai e que, nos momentos de tristeza que terá, a consolareis como sua mãe e seu pai.

Se Deus quiser, depois da guerra todos nos cumprimentaremos com um aperto de mão numa alegre reunião. Dirigida a vós como o pai e a mãe da: Lientje

Augustus. 1942.

Heer Gesachte Heer en Vrouw,

Alloewel persoonlijk geheel onbekend, stel ik mij voor een man en een vrouw, die als een vader en moeder voor mijn eenig kind, onder deze omstandigheden voor mij afgegaan, naar beste willen en weten zullen zorgen.

Stelt ik toch voor, het afscheid tusschen haar en ons. Waarom zullen wij haar weer zien? 7 september wordt zij negen jaar. Ik hoop, dat het voor haar een vreemde volle dag zal worden.

Tevens spreekt ik de wensel uit, dat zij ik geheel als een vader en moeder zal beschouwen, en dat ik haar in haar droevige oogenblikken, die ongetwijfeld zullen komen & als toedienig niet kunnen troosten.

Als God wil, zullen we elkaar althans na de oorlog de hand zullen in bly en gelukkig meevinden.

Uw toegewijde vader en moeder van
Lientje

UMA HISTÓRIA DE GUERRA E FAMÍLIA, DE SEPARAÇÕES E REENCONTROS.

Lien tinha 8 anos quando os pais abdicaram dela na esperança de a salvarem. Criada por uma família de acolhimento durante a Holanda ocupada na Segunda Guerra Mundial, sobreviveu, mas os seus pais biológicos morreram em Auschwitz. Muitos anos depois, um mal-entendido levou a família adotiva a afastar-se, até Bart van Es — neto dos pais adotivos de Lien — a resgatar do esquecimento.

Agora nos seus 80 anos, Lien aceitou a conversar com o autor e a contar a sua história. Há coragem, generosidade e sacrifícios, mas há também um lado negro. De todos os países ocupados, a Holanda foi o mais cooperante com o regime nazi. Ao mesmo tempo que famílias salvavam crianças judias acolhendo-as no seu seio, as autoridades holandesas perseguiam com zelo excessivo todos os judeus. Dos 400 antigos judeus portugueses, por exemplo, tão profundamente enraizados no país, só oito regressaram do Leste.

A Rapariga Esquecida é a história deslumbrante da luta pela sobrevivência de uma jovem durante a guerra, do profundo amor das famílias adotivas pelas crianças que salvaram e de como os desafios enfrentados definem o caráter das pessoas.

«A joia do ano. Sensacional e cativante, chama a atenção para alguns dos mais prementes assuntos dos nossos tempos. Este foi o nosso vencedor por unanimidade.»

O júri do Prémio Costa 2018



v o g a i s

com todas as letras

20|20 editora

ISBN 978-989-668-558-4



9 789896 685584

Memórias